

2º feira

HISTÓRIA DA AMÉRICA I
1º SEMESTRE 1990
DISCIPLINA: básica
DESTINADA A: alunos da USP
CÓDIGO: FLH 251
CARGA HORÁRIA: 5hs
PRÉ-REQUISITO: -
CRÉDITOS: 05

*Profa. Dra. Janice Theodoro
da Silva
Vespertino/Noturno*

II- OBJETIVOS:

O curso de América Colonial procurará analisar as descobrimentos e a colonização da América tendo em vista bibliografia centrada em problemas de natureza cultural. Analisaremos o transplante cultural espanhol para a América e a fragmentação da cultura indígena. Manteremos o mesmo enfoque para analisar a colonização inglesa através da qual poderemos perceber as marcas do pensamento moderno na colonização da América do Norte.

II- ATIVIDADES DISCENTES:

Na primeira parte da aula, grupos de alunos escolhidos previamente apresentarão seminários a partir da análise de textos. A segunda parte da aula será expositiva e nela colocarei as questões básicas para se pensar os acervos culturais americanos bem como as discussões travadas por especialistas da área.

III- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Do ponto de vista da forma de abordagem e mesmo no que diz respeito a bibliografia este é um curso que pode ser feito por alunos do primeiro ano. A bibliografia básica pode ser encontrada em português ou espanhol. Os textos são adequados a um aluno ingressante no Departamento de História desde que ele se dedique e tenha frequentado as aulas que o precederam. Contudo, deve-se ter claro desde o início que a avaliação será bastante rigorosa. Os alunos deverão realizar provas e exames orais onde será avaliada todos os itens do programa bem como a leitura dos textos indicados.

IV- CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO:

Será realizada uma avaliação de toda a matéria do curso. Os alunos deverão realizar prova e exame oral onde serão avaliados todos os itens do programa.

V- CONTEÚDO:

1. Apresentação do curso e considerações iniciais sobre a bibliografia. 2. Descobrimentos e Cristianização da América Espanhola:

- 2.1. O significado da vida e da morte
- 2.2. Visões do Paraíso e do Inferno
- 2.3. Cosmologia Medieval
- 2.4. O Simbolismo
- 2.5. O Descobrimento: Imagens do Velho Mundo
- 2.6. As Caravelas da Cultura
- 2.7. A fartura dos adereços cênicos.
- 2.8. Os tesouros do mercantilismo

BIBLIOGRAFIA: 1. Antônio José Saraiva. A Cultura em Portugal. Lisboa, Livraria Bertrand, 1984. 2. Johan Huizinga. O declínio da Idade Média. Lisboa, Ulisses.

SEMINARIO: Análise dos relatos de Marco Polo em seu O livro das Maravilhas (Porto Alegre-LPM Editores, 1985). Para realizar a análise do texto de Marco Polo será necessário a leitura prévia de 1 capítulo do livro de Eric Auerbach Mimesis cujo título é a Cicatriz de Ulisses. Para que a compreensão do texto seja feita, com detalhe, deve-se preparar uma ficha de leitura separando os elementos centrais da estrutura histórica. Munidos deste material básico para a reflexão analisaremos a narrativa de Marco Polo. O livro de Jacques Le Goff, o Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval poderá esclarecer ainda mais a importância do imaginário na época dos descobrimentos. Deve-se ler especialmente o primeiro capítulo, O Maravilhoso no Ocidente Medieval

2. Descrição da Natureza Americana.

2.1. O homem e a natureza no pensamento renascentista

2.2. O "Diário" da primeira viagem de Colombo

2.3. Fauna escassa, flora exuberante

2.4. Cuba: Diferenças e afinidades com a Europa

2.5. Haiti: A ilha Espanhola

2.6. P. Joseph de Acosta: História Natural e Moral das Indias

- Da opinião que alguns autores tiveram de que o céu não se extendia ao Novo Mundo.

- Que o céu é redondo por todas as partes, e se move em torno de si mesmo

- Que a Sagrada Escritura nos dá a entender que a terra está em meio do mundo.

- Da opinião que teve Aristóteles a cerca do Novo Mundo.

BIBLIOGRAFIA:

Antonello Gerbi. La Naturaleza de las Indias Nuevas. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1982 (pgs. 25-36).

Joseph de Acosta. Historia Natural y Moral de las Indias. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1979.

SEMINARIO: Análise do artigo de Eduardo Perez Fernández, in CHICOMOZTOC (Boletim do seminário de Estudos préhispanicos para a descolonização do México, n.º 1 setembro de 1989, UNAM), Peras y Aguacates.

Keith Thomas. O Homem e o Mundo Natural, São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

Raymond Wiliams, O campo e a Cidade, São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

Procuraremos analisar o olhar do descobridor sobre a natureza americana. As afinidades e diferenças transformam-se, na narrativa dos descobridores e colonizadores, em argumentos de ordem moral. Estes precisam ser profundamente estudados, especialmente pela igreja, para se constituirem em uma nova unidade que integre, na obra da criação, o novo desenho do mundo. Neste sentido, a organização das espécies, animais e vegetais, passa a caracterizar a episteme da cultura ocidental, tema analisado por Michel Foucault em seu livro *As Palavras e as Coisas* (S.Paulo, Livraria Martins Fontes, 1987).

3. O Tempo do Tesouro e o Tempo Mistério

3.1. Os relógios: o tempo europeu

3.2. O tempo do tesouro

3.3. O confronto

3.4. O Tempo do mistério

3.5 A conversão

3.6. Fr. Bernardino de Sahagún. Calendário das festas fixas e das festas móveis

BIBLIOGRAFIA:

Jacques Le Goff. Para um Novo Conceito de Idade Média. *Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa, Estampa, 1979.

Benedito Nunes. *O tempo na Narrativa*. São Paulo, Ed. Atica, 1988.

Fr. Bernardino de Sahagún. *Historia General de las Cosas de Nueva Espana*. Mexico, Editorial Porrúa, S.A., 1985.

SEMINARIO: Octavio Paz. *Labirinto da Solidão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

A bibliografia sobre Idade Média na Europa é ampla envolvendo uma série de polêmicas quanto aos métodos de abordagem. Uma série de historiadores, franceses, especialmente, produziram inúmeros trabalhos através dos quais pode-se compreender cada vez melhor as transformações e as permanências que caracterizam o cotidiano medieval e o esplendor das cidades renascentistas. Para estudar a história da América não dispomos de trabalhos como estes, neste sentido, somos levados a estudar conjuntamente textos que caracterizam a concepção de tempo do homem europeu

aliada a textos que nos deixam entrever, com bastante dificuldade, a concepção de tempo das civilizações pré-colombianas. O livros O Tempo na Narrativa de Benedito Nunes, nos coloca uma série de indagações que poderão nos ajudar ao se analisar alguns relatos sobre os indígenas. O tempo na teoria dos gêneros e em especial o capítulo II, Do tempo real ao tempo imaginário, poderá esclarecer muitas questões. Para analisar as concepções de tempo na América espanhola devemos ler dois capítulos do livro de Jacques Le Goff, Para um Novo Conceito de Idade Média: o tempo da Igreja e o tempo do Mercador e, em seguida, o item O Tempo de trabalho na "crise" do século XVI: do tempo medieval ao tempo moderno. O franciscano, Fr. Bernardino de Sahagún reuniu uma série de informações sobre as culturas indígenas da América, rearticulando-as a partir de suas reminiscências clássicas. O texto é riquíssimo para analisarmos esta conjugação tão bem lembrada por Angel Ma. Garibay e que aproxima Hércules de Quetzalcoatl; Ceres de Chicomecoatl, Venus de Cihuacóatl, Baco para Tezcantzoncatl, Artemisa de Teteoínam, Neptuno de Tláloc etc.. Sérgio Buarque de Holanda em seu livro Visão do Paraíso analisa esta projeção do imaginário europeu ao se descrever a América e as culturas indígenas. A natureza ritual das concepções de tempo indígenas podem ser percebidas através da leitura do livro de Octávio Paz, Labirinto da Solidão especialmente o capítulo Todos os Santos, Dia de Finados, Paz nos introduz nesta percepção de tempo circular que sobreviveu na Europa graças ao paganismo e que será reencontrada no universo indígena.

- 4.A "Geografia do Imaginário".
- 4.1.A dimensão mítica do espaço.
- 4.2.O poder dos mapas
- 4.3.A perspectiva
- 4.4.Perfeição e Destruição
- 4.5.Icono e Conquista: Guamán Poma de Ayala

BIBLIOGRAFIA: Angel Rama, A Cidade das Letras, S.Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

José Luis de Rojas, México Tenochtitlan, México, Fondo de Cultura Económica, 1988.

SEMINARIO: Mercedes López-Baralt, Icono y Conquista: Guamán Poma de Ayala, Madrid, Ediciones Hiperion, 1988.269-285.

A crônica ilustrada de Ayala combinando a imagem com a palavra nos permite a decodificação do sistema icônico e linguístico construído por um índio que maneja convenções retóricas ocidentais. Neste sentido, atitudes culturais conflitivas e diversas retóricas estão presentes no texto. Analisaremos especialmente o capítulo VIII onde a autora analisa Guaman Poma de Ayala y el arte de la Memória en un crónica ilustrada del siglo XVII.

5. Hernán Cortés: O herói épico.
- 5.1. A cenografia pagão do conquistador: engenho, astúcia e glória.
- 5.2. A cenografia cristã do indígena: humildade, lealdade, e amor.
- 5.3. Os mitos de fundação: Cortés e Malinche. O emblema de uma contradição insolúvel.

BIBLIOGRAFIA:

Hernán Cortés. Cartas de Relación. Mexico, Editorial Porrúa, S.A., 1983.

Ma. Helena Ribeiro da Cunha e Luiz Piva. Lirismo e Epopéia em Luis de Camões. São Paulo, Ed. Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SEMINARIO: Miguel León-Portilla. Hernán Cortés y la mar del Sur. Madrid, Ediciones Cultura Hispanica/Instituto de Cooperación Ibero Americana, 1988, pgs.145-176 (cap.V De los postreros litigios de Cortés por causa de la mar del Sur y de las perdurables consecuencias de sus descubrimientos).

Antonello Berbi. La Natureza de las Indias Nuevas. México, Fondo de Cultura Económico, 1978, pgs.113-118.

As cartas de Hernán Cortés ao imperador Carlos V podem esclarecer em que medida a obra colonial foi realizada a partir de uma narrativa épica. A conquista e a colonização da América - obra imperial - exigiu que a conduta do conquistador estivesse demarcada por um ideário heróico - épico. Analisando o texto das cartas procuraremos reconhecer estas origens da ação através do gênero literário. Assim, como Camões em "Os Lusíadas" inicia seus poemas instituindo uma reunião de Deuses. Cortés inicia sua conquista apropriando do ideário pagão ao mesmo tempo em que vincula-o a gestos cristianizados. Este mesmo discurso institui a figura do indígena tendo como suporte a moral cristã. O livro básico para a compreensão desta unidade são as próprias cartas de Cortés. A edição da LPM inclui as cinco cartas bastante resumidas. A leitura de Os Lusíadas de Camões, ou ainda a Odisséia poderá auxiliar a compreensão do documento analisado.

6. Frei Bartolomeu de las Casas: o herói trágico
- 6.1. A morte: ação trágica e repetição
- 6.2. A denúncia: a força do narrador, a culpa do leitor.
- 6.3. A destruição do maravilhoso. No discurso cristão o significado do trágico.

BIBLIOGRAFIA: Frei Bartolomé de Las Casas. Brevíssima Relação da Destruição das Indias. Porto Alegre, LPM Ed., 1984.

Ligia Militz da Costa e Maria Lúiza Ritzel Remédios. A Tragédia, estrutura e História. São Paulo, Ed. Atica, 1988.

SEMINARIO: Alberto M.Salas. Tres Cronistas de Indias. México, Fondo de Cultura Económica, 1986, pgs. 259-301.

O livro *Brevissima Relação da Destruição das Indias* de Frei Bartolomé de Las Casas é um dos mais importantes documentos sobre a questão indígena na América. Frequentemente citado como a primeira denúncia contra todas as formas de violência utilizadas pelo espanhol no seu domínio às civilizações indígenas. É um dos textos mais conhecidos e divulgados nos manuais de história da América Colonial. Da mesma forma foi analisada a carta de Cortés procuraremos realizar uma análise detalhada da estrutura narrativa deste documento histórico. Para que possamos nos aprofundar na análise das formas de narração é conveniente a leitura do livro *A Tragédia. Estrutura e História*, retomando os elementos Centrais da tragédia grega e observando a questão do trágico no maneirismo poderemos compreender melhor a estruturação do texto de Las Casas. Ao lado deste enfoque que diz respeito a formas de narração propriamente dita podemos retomar os trabalhos de Lewis Hanke, Aristóteles e os indios Americanos, profundo conhecedor da obra de Las Casas.

7. Os Mitos da Conquista

- 7.1. Vencedores e vencidos: mitos românticos
- 7.2. Quetzacoatl e Guadalupe: mitos criolos
- 7.3. Tláloc: o "mito" indígena.

BIBLIOGRAFIA: Josephina Oliva de Coll. A resistência Indígena. Porto Alegre, LPM Ed., 1986.

J.Lafage. Quetzalcáatl y Guadalupe, México, Fondo de Cultura Económica, 1985.

SEMINARIO: Robert Ricard. La Conquista Espiritual de México, México, Fondo de Cultura Económica, 1986, pgs. 282-312.

Tzevetan Todorov y otros. Cruce de Culturas y Mestizaje Cultural. Madri, Júcar Universidad, 1988, pgs. 9-31.

Grande parte da Bibliografia sobre América Colonial estrutura a nossa história em torno de vencedores e vencidos. Busca-se, após o confronto entre europeus e indígenas, uma harmonia cultural muitas vezes descrita através de um longo processo de miscigenação étnica e cultural. No longo processo de imposição da língua espanhola cria-se um discurso que se apropria de uma oposição inicial, indígenas e espanhóis, para fundar uma consciência nacional. O livro de Lafage, Quetzalcáatl y Guadalupe, formacion de la conciencia nacional en México, coloca uma série de questões básicas para quem se dedica a história da cultura. Os mitos crioulos nos mostram como a sociedade negou tanto seus antecedentes como seus antecessores e através desta negação formou uma consciência nacional mexicana. Ao lado deste trabalho temos um livro bem mais antigo mas que merece ser revisitado. A Conquista Espiritual do México de Robert Ricard nos oferece uma maneira diversa para se enfocar os

problemas desta suposta "crioulização". Para Ricardo assistimos à destruição de uma cultura e à imposição da cultura européia cristã através de um longo processo de conquista espiritual. Ruben Bonifaz Nuno evita a documentação escrita. Em seu livro *Tláloc* mostra os perigos das narrativas cristianizadas e tomando a cultura material indígena inicia um novo trajeto. Autor pouco conhecido no Brasil seus estudos sobre sociedades pré-colombianas colocam em pauta as reflexões mais atualizadas sobre o tema. Sua revisão bibliográfica sobre o significado da imagem de Tláloc representa um passo importante para as pesquisas em curso na atualidade. Todorov analisa a importância da heterogeneidade cultural de uma população. Procura mostrar uma certa tendência por se hierarquizar acervos culturais e julgá-los, tendência que devemos combater pois a identidade nasce da tomada de consciência da diferença, ou seja, o inter-cultural é constitutivo do cultural.

8. Os mitos da Independência.

8.1.0 pensamento barroco: o mito da integração

-A transformação estilística e as novas formas de percepção do mundo colonial.

8.2.0 pensamento moderno: os mitos da modernidade.

BIBLIOGRAFIA: Heinrich Wolfflin, *Renaissance e Barroco*, São Paulo, Ed.Perspectiva, 1989.

Rodrigo Naves, *El Greco*, São Paulo, Ed.Brasiliense, 1985.

SEMINARIO: J.Lafaye, *Quetzalcóatl y Guadalupe*, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, pgs.384-419.

Frequentemente se tem analisado a história da América espanhola concentrando no barroco o ideário da integração de dois acervos culturais indígenas - o indígena e o europeu. Esta "vocação" para a continuidade caracterizou a nossa independência. Apesar da independência política a nossa economia e nossa vida cultural continuou a se pautar pela história européia mesmo após a independência. Apesar dos esforços realizados nesta separação política a América espanhola tendeu a cristalizar suas estruturas arcaicas negando a modernidade. A América do Norte, ocupada posteriormente, desde seus inícios teceu sua história através de heróis modernos. Assim pode-se organizar tornando a independência o grande gesto fundador de sua história. As diferenças entre o padrão anglo saxão e o padrão ibérico na obra de colonização serão analisadas nesta unidade. Utilizando a análise das formas narrativas como também da estrutura e forma na visualidade barroca procuraremos compreender a crítica à ordem colonial. Da mesma forma poderemos acompanhar toda a modernidade presente nos textos de Shakespeare (ler no livro *Mimesis* de Auerbach o capítulo dedicado a Shakespeare, O Príncipe Cansado) pode introduzir em meio a uma sociedade puritana o desejo de independência.

9. Os Gêneros Literários e a Narrativa Histórica

9.1. Proposta para análise de formas de representação

9.2. As novas tendências da historiografia

9.3. A história das mentalidades e história das Américas

SEMINARIO: Para aproximar os estudos históricos dos literários devemos eleger como instrumento de análise a própria estrutura narrativa. E este enfoque que nos permite aproximar o documento histórico do literário e, assim, rever o próprio ordenamento que havia instituído a história com um sentido unívoco. Através da linguagem observamos como as idéias delegaram conteúdos aos fenômenos. Idéias que se expressam por meio de palavras, palavras que constituem estruturas discursivas que ao se sobreporão, a outro universo linguístico, definem um novo perfil para as culturas indígenas, unificando-as através da difusão de uma única língua: o espanhol. Neste sentido, um dos livros mais importantes para a realização deste curso é Todorov: *A Conquista da América. A questão do Outro*. Ao utilizarmos dos gêneros para pensar a história (a épica ou a tragédia) analisamos a potência evocadora da ação. A ação, por si mesma, deixa de ser passível de uma classificação binária (boa x má). Os personagens históricos, Cortés, Malinche ou Tupac Amaru ganham significação à medida em que permitem revelar qual a regra abstrata que gerencia certos gestos responsáveis pela conquista e colonização da América. Ao realizarmos este trajeto vamos nos deparar com a ausência de documentos que, de fato, expressem as significações do universo indígena. Dentro desta vertente repetimos o caminho de Rubén > Nuno cujos estudos mostraram a cristianização dos documentos que temos acesso. A vertente francesa, a história das mentalidades, marcou o início do curso. Refletindo a partir dos trabalhos de Le Goff e Duby, entre outros, mergulhamos em textos como de Lafaye e Gruzinski, *La Colonization de l'imaginaire. Sociétés indigènes et occidentalisation dans le mexique espagnol*, capazes de nos atualizar quanto as temáticas atualmente em discussão. Neste balanço bibliográfico vale a pena lembrar o trabalho de Antonello Gerbi. Acostumados que estamos a manipular as pesquisas francesas nem sempre acompanhamos, com o mesmo cuidado, a produção italiana referente à história da América Colonial. Neste sentido, vale a pena lembrar que inclui neste curso as reflexões de Gerbi expressas em seu livro *La Natureza de las Indias Nuevas*, editado em 1975 na Itália e em 1978 no México, importante a ser observado nesta leitura é a proximidade entre Gerbi e Buarque de Holanda. Ambos buscam seus referenciais teóricos na escola alemã. Ambos fazem história imprimindo ritmos à linguagem, ritmos que guardam uma referência ao período a que se remetem. Reconhecem um universo linguístico do qual o historiador se apropria para, a partir dele, construir sua análise histórica propriamente dita. Feitas estas considerações sistemáticas creio ter deixado aos alunos condições para que todos

disponham de eixos bibliográficos capazes de atualizá-los em História da América Colonial (história da cultura). O contato com os textos xerocados (parte) é extremamente precário não permitindo ao aluno obter o conhecimento contido na obra em sua totalidade. O conhecimento correto dos textos citados só se fará através de uma leitura minuciosa. As aulas servirão como um roteiro para integrá-los em universos de significações histórico-literárias.